

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DO TESTEMUNHO NO ROMANCE A CRÔNICA DA CASA ASSASSINADADA

Linda Maria de Jesus Bertolino¹

A metáfora da vida, com a pintura dos seres vivos, a escrita, pode então ser deslocadas até as terras do cultivador avisado que sabe semear, fazer crescer e colher. Para a verdadeira memória, a inscrição é semeadura, suas palavras verdadeiras são sementes. (RICOEUR, 2007:153)

Hoje, a aproximação à História se dá de diversas formas e com diversas finalidades. A nossa aqui expressa, dar-se com a intenção de aproximarmos discursos acadêmicos, que permitam e ampliem os trabalhos de pesquisa entre Historiografia, Literatura e Memória. No entanto, se nos valemos dessa aproximação, é porque tanto uma como outra se nutre da memória, uma vez que cabe as duas interpretarem e representar o mundo.

Logo, se a memória é por excelência a musa que serve de inspiração à literatura e a história é porque o discurso que constitui essas disciplinas se vale da indagação narrativa, estabelecendo critérios diferentes. E se isso acontece na escrita dessas narrativas é porque “o historiador narra o que aconteceu, o poeta o que poderia ter acontecido”. (ARISTÓTELES, 2003).

Nesse sentido, embora as duas disciplinas seja formada da mesma matéria, ou seja, da memória, ambas são descritas a partir ângulos diferentes, uma é construída sobre a prática do real, a outra sobre o prisma da paixão, mais também da reflexão. Da capacidade de tirar sua essência do mundo material, e devolvê-la de outra forma mais criativa, aquilo que ele não tem.

Ademais, podemos dizer é que a literatura é uma diagnosticadora da experiência humana, isso porque a especificidade do texto literário reúne em sua linguagem poética condições especiais de descrever os acontecimentos humanos sobre outra condição escrita, o que não invalida o seu discurso. Pois como cita Edgar Morim:

O texto prosaico existe porque nem tudo é poético, o contrário também é verdadeiro. As expressões dessas duas formas de linguagem são expressões de como enxergamos a vida, como a concebemos, vivemos e nos organizamos. Não há dualidade ou

*Professora Assistente do Departamento de Letras – CESB/UEMA. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília. Membro Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Estudos sobre a Memória – UnB.

cissiparidade, há ambivalência, um ser e não ser ao mesmo tempo. Um dentro e um fora, um dito verbalizado e expresso de forma organizado, metódica, científica, e uma não científica, fruto da paixão, da explosão dos sentidos, da necessidade de dizer o que se sente. (MORIM, 2001: 57)

Assim, é, pois, sob esse aspecto de pensar na relação entre História e Literatura, que tomamos de empréstimo de Ricouer o termo operação histórica² para falar de como o escritor Lúcio Cardoso propõe na escrita literária do romance *Crônica da Casa Assassinada*, essa operação historiográfica, usando como recurso o testemunho e a memória dos personagens na ficção narrativa.

Pois, embora a narrativa histórica se distancie na especificidade de sua escrita, pela maneira que toma os acontecimentos históricos, não impede que a realidade dos acontecimentos testemunhados ou imaginados seja transposta pelo romancista Lúcio Cardoso para o texto literário.

Dentro dessa perspectiva, é que nos apossamos aqui do termo operação histórica, que corresponde a *fazer história*. Pois como cita Ricouer (2007:146), adotei a expressão operação histórica, ou melhor, historiografia, para definir o campo percorrido pela análise epistemológica, [...] adoto em linhas gerais o ensaio percorrido por Michel Certeau.

Logo, é partindo da reflexão sobre o trabalho do historiador, que aproximamos veracidade, representação, testemunho, memória e sociedade mineira; onde se procurará desenvolver a última fase da tripartição do trabalho historiográfico citado por Ricoeur, a saber, fazer representativa. Levando em consideração as demais fases da operação, com intuito de compará-las ao trabalho realizado pelo romancista, na narrativa ficcional em questão.

Para tanto, partiremos da parte em que Ricoeur (2007), chama de fase³ documental, que corresponde à fase que vai da declaração das testemunhas oculares - entendida no romance como os personagens convocados pelo romancista, à constituição dos arquivos enquanto prova documental. Bem como a próxima fase da operação, denominada de fase explicativa, que se dirige à pergunta e a resposta – qual é a verdade da sociedade aristocrática mineira? Eu sei por que de um jeito ou de outro estava lá.

Todavia, é da última fase que se constitui a nossa pesquisa, pois é dela que se constrói o trabalho mais importante, na representação historiográfica realizada no romance *Crônica da*

²Termo usado por Paul Ricoeur para definir o campo percorrido pela análise epistemológica. Segundo o autor esse termo foi retirado dos ensaios de Michel Certeau, em sua contribuição ao projeto de Pierre Norra e Jacques Le Goff colocado sob o título programático de *Fazer História*.

³O termo fase foi preferido por Ricoeur, por ser um termo privado de ordem cronológica, ele sublinha a progressão da operação relativa à manifestação da intenção historiadora da reconstrução verdadeira do passado.

Casa Assassinada. É a “fase representativa⁴, a colocação em forma literária ou escrita do discurso levado ao conhecimento dos leitores de história.” (RICOEUR, 2007: 147).

Logo, é a representação da história dos costumes, valores socioculturais da aristocracia mineira, representada no romance pela família Meneses, que perseguiremos na escrita da narrativa. É a colocação da história posta em forma literária através de arquivos pelo o escritor que buscamos pesquisar, pois se entende que tal representação é retirada do meio social, e depois devolvida ao leitor como uma possibilidade de enxergá-la sobre outra ótica. Segundo Borralho (2005:120) tal fato se explica porque, “o texto literário constitui-se como uma necessidade premente de dizer sobre a vida de uma forma diferente de qualquer outro discurso”.

Assim, se o romance de Cardoso se vale da criação literária para representar um quadro histórico mineiro de uma determinada época, é por que:

Ninguém consulta um arquivo sem um projeto de explicação, sem uma hipótese de compreensão, e ninguém se dedica a explicar uma sequência de acontecimentos sem recorrer a uma colocação em forma literária expressa de caráter narrativo, retórico ou imaginativo. (RICOEUR, 200:147)

Dessa forma, se comprehende que Cardoso constituiu a escrita do romance em forma de arquivos, por tratar-se de uma crítica á sociedade aristocrática mineira e aos valores sócios culturais da época. Onde o romancista valeu-se da memória e dos depoimentos de todos os personagens da trama, a fim de legitimar o seu próprio depoimento enquanto cidadão mineiro.

Assim sendo, são perseguidos os rastros e as informações contidas em cartas, bilhetes, diários e depoimentos orais, relatados e escritos pelos personagens da trama da Crônica da casa assassinada, que nos adentraremos a mostrar ao leitor de que forma o testemunho dos personagens são significativos para entender a crítica e denúncia do escritor.

O tempo surge na narrativa como um dos recursos de legitimação dos testemunhos, pois análise do tempo, bem como a da memória se sobrepõe na narrativa; isso porque são da memória dos personagens que se compõem a história e os acontecimentos transcorridos e testemunhados na chácara dos Meneses. Entretanto, é da temporalidade passada que se constituem as provas documentais dos depoimentos, de forma a validar o comportamento e espirito daquela sociedade aristocrática mineira.

⁴Essa fase é compreendida como aquela que dirige a representação da verdade das coisas passadas, pela qual se define em face da memória o projeto cognitivo e prático da história tal como a escrevem os historiadores profissionais.

Vejamos:

18 de 19 – meu Deus, que é a morte? Até quando, longe de mim, já sob a terra que agasalhará seus restos mortais, terei de refazer neste mundo o caminho do seu ensinamento, da sua admirável lição de amor, encontrando nesta o aveludado de um beijo – “era assim que ela me beijava”. (CARDOSO, 2009:19)

Esse fragmento encontra-se no diário do personagem André, a intenção das datas é precisar um registro temporal bem demarcado, como forma de dar credibilidade ao tempo transcorrido diante do acontecido. Outro fator que chama atenção é a colocação verbal ser, que se volta para o passado como forma de dar testemunho do que o personagem sentiu e viu.

Contudo, se a voz de André faz uso da data e do verbo no passado é para sugerir ao leitor a noção de distanciamento em que deram os fatos, e se isso se dá no romance, tal como na operação histórica, é porque quando o escritor lança mão do testemunho de André, é o tempo que irá legitimar os fatos narrados. Pois a “noção de distância é inerente à essência da memória e assegura a noção de princípio de premência e imaginação.” (ARISTÓTELES apud RICOEUR, 2007:38).

Em outra passagem da obra, são as palavras contidas na primeira carta de Nina - protagonista da história - a Valdo Meneses, que descreve a importância da temporalidade nos testemunhos:

...como tudo se transformou assim tão de repente? Que me aconteceu, que aconteceu ao nosso amor? Então não há nada certo, geramos apenas o esquecimento e a distância? As palavras, meu Deus, não significam coisa alguma, não tem poder para selar nenhum juramento? Quem somos nós que assim passamos como espumas, e nada deixamos do que construímos, senão um punhado de cinza e de sombra? (CARDOSO, 2009:19)

Percebe-se que é dentro de um intervalo de tempo que os testemunhos transcorrem, assim o romancista recorre ao lado metódico da busca através da polifonia das vozes das personagens, sendo o tempo transcorrido dos eventos e cenas testemunhadas, o ponto de partida para o percurso da recordação.

Todavia, há nesse depoimento escrito uma inversão de papéis, pois existe nas interrogações de Nina, uma intenção de questionar a necessidade de escrever para não esquecer. Ou seja, a personagem empresta sua voz a Cardoso para registrar os acontecimentos que se dão em um determinado espaço temporal, pois como a História o romance se valeu da escrita para registrar os eventos passados.

Isso porque o que sela os eventos testemunhados é a escrita, é dela que se vale o historiador e o romancista para registrar ou representar a história. Ademais, é da distância que se faz a memória, mas é também desta mesma matéria que se gera o esquecimento.

Assim, é a busca dos fatos passados que legitimam a representação da história da família Meneses, – que de forma metafórica associa-se a aristocracia mineira - onde o próprio escritor também se coloca como um explorador do passado dentro dos depoimentos que compõem a história do romance.

Outro recurso da operação histórica usado para validar o testemunho dos personagens, é a vertente histórica do romance a *Crônica da Casa Assassinada*, a mesma reside no fato de Lúcio Cardoso, recorrer na escrita do texto ao testemunho em arquivos. Pois como cita Ricoeur (2007, p.156), “a historiografia é inicialmente a memória arquivada,” isso significa dizer que as operações cognitivas ulteriores recolhidas pela epistemologia do conhecimento histórico, procedem desse primeiro gesto que é o arquivamento.

Assim sendo, acompanhamos um dos arquivos que compõe o quadro de depoimentos que o romancista usou para representar e testemunhar os modos aristocráticos mineiros no enredo da obra:

Meu nome é Aurélio dos Santos, e há muito tempo que estou estabelecido em nossa pequena cidade com um negócio de drogas e produtos farmacêuticos. Minha loja pode mesmo ser considerada a única do lugar, pois não oferece concorrência, um pequeno varejo de produtos homeopáticos situado na Praça da Matriz. Assim, quase todo mundo vem fazer suas compras em minha casa, e mesmo para a família Meneses tenho aviado muitas receitas. (CARDOSO, 2009: 47)

A praça matriz sugere ao leitor uma referência espacial de lugar, de forma a ajudar validar o testemunho escrito de Aurélio dos Santos, assim também como o sobrenome do farmacêutico. Pois afinal o primeiro ato que se dá à colher o testemunho de alguém é nomeá-lo.

Pequeno lugarejo caracteriza não só espaço, mais também os costumes dos habitantes, pois sugere comportamentos provincianos. Enquanto o termo aviado sugere a importância social da linhagem Meneses, que devido sua posição social e nome mantém distanciamento dos demais moradores da cidade de Vila Velha, ao mesmo tempo em que sugere na voz de Aurélio dos Santos, uma relação indireta ou quase nula com o povo daquela localidade.

Ainda na mesma carta escrita por Aurélio dos Santos, verifica-se que o seu testemunho dá conhecimento ao leitor do comportamento aristocrático, comportamento este que é representado no enredo do texto literário pelos modos socioculturais dos Meneses:

Boa noite, Senhor Demétrio – disse eu, naturalmente estranhando a visita. Talvez seja necessário explicar aqui porque aquela chegada não me pareceu um fato banal – é que eles, os Menezes, por orgulho ou por suficiência, eram os únicos fregueses que jamais pisavam em minha casa. Mandavam recados, aviavam receitas, pagavam as contas por intermédio dos empregados. Eu os via passar com certa frequência, quase sempre de preto, distantes e numa atitude desdenhosa. (CARDOSO, 2009: 47)

Note que no trecho acima é descrito através do depoimento do farmacêutico a forma como se dava a espacialização das relações sociais das famílias de linhagem aristocrática mineira, onde a estrutura do poder dessas famílias situava-se de forma diferenciada e distante dos demais habitantes da localidade. Entretanto, ressalta-se que esse mesmo comportamento descrito pelo farmacêutico sobre os Meneses, é o mesmo que outrora impôs medo, respeito, admiração e receio naquela conjectura social de poder.

Dessa forma, é sempre seguindo a linha do raciocínio historiográfico que o escritor de *Crônica da Casa Assassinada*, lança mão de testemunhos escritos e orais para dá credibilidade aos eventos socioculturais que descreveram a realidade da espacialidade mineira dentro de um determinado corte temporal, usando como fio de partida o gesto do arquivamento.

Assim, é que o retrato espacial mineiro passa a ser construído na ficção a partir das informações que são dadas sobre a família Menezes, tanto pelos empregados da chácara, pelos familiares, como também pelos moradores das redondezas. Moradores esses que por vezes inscrevem seus testemunhos na estrutura narrativa, como um coral de vozes indiretas.

Nesse sentido, as cartas, os depoimentos orais, os bilhetes e as impressões deixadas na escrita do texto poético pelos personagens, constituem-se como um arquivo de pistas, que surge na escrita do romance para dar conta de representar a típica realidade sociocultural do lugar.

A esse respeito vejamos o que testemunha a escrita de Betty em seu diário, sobre essa relação de poder marcada pela convenção e cristalização do poder social da família patriarcal de Vila Velha:

A patroa (creio que é assim que eu devo tratá-la...) deveria chegar hoje, mas a ultima hora recebemos um telegrama dizendo que ela só viria amanhã. [...] Disse que não prestasse muita atenção, se Dona Nina não entendesse desde o começo qual era a minha posição perante a família, mesmo porque não era fácil a um recém-chegado adivinhar que eu não fazia parte da criadagem, e guardava uma situação distinta, de governanta, desde os tempos em que sua mãe era viva. (CARDOSO, 2009:55)

Os relatos escritos no diário de Betty representam na feitura do texto um recolhimento de informações e impressões do contexto histórico da época. Nesse depoimento, a espacialidade temporal também atravessa o testemunho como forma de legitimar e fortalecer a posição da matriarca da família Meneses. Logo, diz-se que a voz narrativa legitima o quadro recordado, fazendo uso da memória declarativa.

Pois dialogando com Ricoeur (2007) o testemunho da governanta, como também dos demais personagens, são escritos que aparecem na trama do enredo como uma declaração explícita da pessoa que testemunha – Eu estava lá.

Vê-se então, que neste caso, tanto a voz do romancista nessa operação historiográfica⁵, como as outras vozes representadas pelo discurso dos personagens, se juntam para legitimar as informações prestadas sobre a paisagem mineira aristocrática. Ademais, uma vez que os eventos foram testemunhados, agregados ao texto, e compartilhados com o leitor; significa dizer que esses eventos históricos não se encontram mais somente na esteira da memória individual, eles passaram a ter uma validade coletiva, ou seja, eles se fazem se inscrever na história.

Logo, surge aí a importância documental do testemunho na *Crônica da Casa Assassinada*, marcando o espaço e o tempo dos acontecimentos narrados. Se tal operação se dá na escrita do texto literário, tal como no histórico, é por que:

Tudo tem inicio não nos arquivos, mas com o testemunho, e que, apesar da carência principal de confiabilidade do testemunho, não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de algo nos aconteceu, a que alguém atesta ter assistido pessoalmente, e que o principal, se não às vezes o único recurso, além de outros tipos de documentação, continua a ser o confronto entre testemunhos.
(RICOEUR, 2007:156)

É sob essa ótica, que se aceita dizer que o escritor mineiro confronta o seu testemunho com os de outros personagens para que não haja dúvida do transcorrido, ele como os demais experimentou a realidade da estrutura aristocrática mineira. Assim sendo, o uso dos arquivos que guarda os testemunhos são representados por vozes, que se misturam a dele, a do historiador e a de qualquer cidadão que como ele experimentou ou leu sobre tais acontecidos.

Outro aspecto relevante na análise do romance é a maneira como o romancista inaugura a representação do espaço onde fica situada a residência dos Meneses. Logo no início da obra é apresentando ao leitor a planta da chácara dos Meneses, especificando cuidadosamente o lugar exato de sua localização, a saber, entre a estrada da Vila Velha e estrada dos Queimados.

Ao longo do texto, é dada ao leitor a informação de que outrora o local onde se situa hoje a chácara dos Meneses, abrigava a antiga fazenda da família; a descrição espacial desse lugar assume características de um local reservado e recuado - a serra do baú - local dos pastos. A ideia que se tem ao verificar a planta, é que imagem da chácara foi projetada logo na entrada do terreno, para fazer alusões às construções dos senhores feudais, isto é, na frente o casarão e atrás a casa dos servos.

Porém o que mais intriga nesse elemento espacial, isto é, na descrição exata do local chácara, que também se constitui na escrita do texto como um testemunho espacial. É a

⁵Até uma época recente essa palavra designava preferivelmente a investigação epistemológica. Nos Ensaios de Certeau, a expressão foi usada para designar a própria operação em que consiste o conhecimento histórico apreendido em ação.

descrição formal realizada na feitura do texto pelo romancista, possibilitando uma caracterização real dos eventos e do cenário onde foram testemunhadas as cenas, tal recurso permitiu ao leitor confundir ficção com realidade.

Por outro lado, comprehende-se que a localização da chácara é que dada ao leitor no inicio do romance, e reforçada pelos personagens no decorrer das ações, serve na operação histórica para fortalecer os rastros e informações que são fornecidas pelos personagens a respeito de sua estrutura e valor moral para os Meneses:

[...] sei hoje que a construção, e mais do que isto, a manutenção desta Chácara, equivale a uma despesa inútil, e poderia ser poupada, se não achasse todos que abandonar Vila Velha, e esta mansão dispendiosa, fosse um definitivo ato de descrédito para a família. A verdade é que antes de desmembrarem a velha fazenda do Baú, e dividirem as terras entre os credores [...] teria sido melhor contemporizar com a situação, remodelando apenas a casa que hoje apodrece no contraforte da serra. (CARDOSO, 2009: 39)

Esse depoimento está na primeira carta de Nina a Valdo Meneses, observe que há na fala da protagonista não apenas elementos topográficos, mas sim também a imposição da estrutura do imóvel - mansão, simbolizando a imponência aristocrática. Entretanto, há uma inversão de posição dos objetos, ou seja, Lúcio Cardoso usa o processo da metonímia para falar da parte pelo todo. Assim, é que ousamos dizer que a residência da família equivale o espaço mineiro, e a linhagem e história dos Meneses equivale à estrutura social aristocrática.

Logo, é lançando mão da terceira fase da operação histórica, aquela em que Ricoeur (2007) chama de fase representativa, que o romancista fez uso de uma espiral de personagens na obra literária em pesquisa; personagens esses que se distribui na escrita do romance através de várias vozes. Vozes essas, que no interior da criação narrativa se prestam de testemunhos a acontecimentos de toda natureza do cenário mineiro.

Cenário esse que dá conta de denunciar junto ao leitor, a situação da mulher da cidade na província na figura de Nina, da sexualidade reprimida em Demétrio e Maria Sinhá, dos casamentos arranjados na figura de Ana e o primogênito da família Meneses. Assim sendo, destacamos um trecho do testemunho de Demétrio – um dos herdeiros - a respeito da situação de Maria Sinhá:

Quem foi Maria Sinhá? [...] a mais pura, a mais incompreendida de nossas antepassadas. Era tia de minha mãe, e foi o assombro de sua época. [...] – Maria Sinhá vestia-se de homem, e fazia longos estirões a cavalo, ia de Fundão a Queimados em menos tempo do que o melhor dos cavaleiros da fazenda. [...] Ninguém da família jamais a entendeu, e ela acabou morrendo abandonada, num quarto escuro da velha Fazenda Santa Eulália, na Serra do Baú. (CARDOSO, 2009:57)

Note no testemunho de Timóteo a riqueza de informações da época, onde as convenções constituíam verdadeiras prisões para o “Outro”, a Maria Sinhá é escondida da família, até a sua foto é substituída pela da Santa Ceia, para que não gere testemunho para as gerações posteriores dos Meneses, isto é, para não macular sua linhagem.

A personagem de Maria Sinhá é tomada no testemunho de Timóteo para denunciar o grau de incompreensão que marcou a história da sexualidade num determinado corte temporal. Pois se usamos como referencia a figura do outro para recordar os acontecimentos, é “para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento, do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras. Ora a primeira testemunha que devemos apelar, é a nós próprios.” (HALBWCHS, 2004: 29)

Sob essa ótica, abrimos aqui um espaço para dizer que entre todos os todos os testemunhos convocados por Lúcio Cardoso, um deverá receber especial atenção do leitor, o testemunho do próprio escritor, que como conhecedor da realidade mineira estava “lá”, seja na voz dos personagens, na descrição dos espaços. Ele estava lá com sua denúncia pronta para dar voz à história dos acontecimentos mineiros.

Lá é a casa, é chácara, são os pudores cristalizados de um tempo. É a História, é o próprio espaço aristocrático mineiro, que como a chácara dos Meneses ruína.

Sendo assim, é certo que, os depoimentos escritos e orais dos personagens da trama encontram-se amarrados a esse pretérito de Minas Gerais, onde transcorreu a ação, isto é, o passado recordado e testemunhado pela polifonia da espiral de nomes que compôs a narrativa posta em *Crônica da Casa Assassina*.

O discurso poético nesse caso é um conhecedor da realidade histórica apresentada, que na condição de ter vivenciado tais acontecimentos, acolhe e reúne outros testemunhos, de forma a credenciar a fala poética.

Pois “é em conjunto que o “aqui” e o “lá” do espaço vivido da percepção e da ação e o antes do tempo vivido da memória se reencontram enquadrados em um sistema de lugares e datas do qual é eliminada a referencia ao aqui e ao agora absoluto da experiência viva.” (RICOEUR, 2007:156)

Assim, é que o romancista tal como o historiador assume posição paralela a este, pois como o historiador, Cardoso ao realizar sua escrita narrativa lançou mão da fase documental historiográfica. De forma discreta ele colheu as informações e as registrou através de cartas, bilhetes e manuscritos, postos na ficção narrativa, informações essas, de um espaço habitado e de um tempo histórico vivido pela sociedade mineira.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Política**. Trad. Torriere Guimarães. São Paulo: Martim Claret, 2003.
- BORRALHO, José Henrique de Paulo. O fim da separação entre literatura e historia. Vol.3. Nº01. Revista: **Ciências humanas em revista**. São Luís, 2013. Disponível em <http://www.historia.uff.br/1_fimdaseparaçaoentreliteraturaehistoria>, acessado em 10/02/2015.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. 3^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- COSTA LIMA. Luiz. **Dispersa demanda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- _____. **Mimesis**: desafio ao pensamento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CARDOSO, Lúcio. **Crônica da Casa Assassinada**. 12^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- HENRI, Bergson. **Matéria e memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 2^a ed. São Paulo: Martins, 1999.
- MORIM, Edgar. Amor, poesia, sabedoria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- PAUL, Ricoeur. **A memória, história e esquecimento**. Campinas. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.